

O PROGRESSO CIENTÍFICO EM A VIAGEM AO CENTRO DA TERRA (1864), DE JÚLIO VERNE

THE SCIENTIFIC PROGRESS ON A JOURNEY TO THE CENTER OF THE EARTH (1864), BY JULES VERNE

Heitor dos Santos Rodrigues¹

Resumo: No século XIX, houve a popularização de leitura de romances, que traziam críticas sobre o presente e um possível futuro distópico para o qual a civilização europeia estaria caminhando. Houvera, no entanto, debates em torno da postura de Júlio Verne diante do progresso científico, se estaria ele vangloriando ou alertando sobre os perigos que a tecnologia poderia trazer à humanidade. É nesse sentido que se busca mostrar este debate em torno da obra *Viagem ao Centro da Terra* (1864), com base na explicação de que Verne sempre tivera postura crítica ao progresso científico e ao contexto político francês, como é claro na sua obra *Paris no século XX*, mas que a sua editora censurou com o medo do fracasso comercial, obrigando Verne a assumir uma postura oposta em a *Viagem ao Centro da Terra*. Mesmo assim, ainda encontram-se elementos e simbolismos que levam as críticas ao futuro com base na situação do presente.

Palavras-chave: Romantismo; Júlio Verne; Literatura; Progresso Científico.

¹Estudante do sétimo período do curso de História (Licenciatura e Bacharelado) na Universidade Federal do Paraná.

Abstract: In the nineteenth century, there was the popularization of reading novels, which brought criticism about the present and a possible dystopian future that European civilization would be walking towards to. There had, however, been debate over Jules Verne's stance on scientific progress, whether he was boasting or warning about the dangers technology could bring to mankind. It is in this sense that we seek to show this debate around the book *Journey to the Center of the Earth* (1864), based on the explanation that Verne had always been critical of scientific progress and the French political context, as it is clear in his work *Paris in the 20th Century*, but his publisher censored with fear of commercial failure, forcing Verne to take an opposite stance on the *Journey to the Center of the Earth*. Even so, there are still elements and symbolisms that bring criticism to the future based on the present situation.

Keywords: Romanticism; Jules Verne; Literature; Scientific Progress.

Introdução

Júlio Verne nasceu em 1828 na cidade de Nantes, região do Loire, onde a proximidade ao mar o faria ter gosto por viagens marítimas, tema recorrente em suas obras. Seu pai era um procurador público, sempre ligado a escrituras, do qual Verne teria adquirido a vontade de escrever poesias e contos (MOURÃO, 2005: 1). Na década de 1850, foi para Paris para se tornar jurista, mas se dedicou às publicações literárias, sendo chamado por Alexandre Dumas para participar das produções

teatrais, se tornando um grande dramaturgo (MOURÃO, 2005: 2).²

Foi no século XIX que manifestou o gênero de ficção científica, o qual diferenciava-se das histórias fantásticas, movidas pela imaginação mas com pouca preocupação com a precisão científica (CARDOSO, 2006). O romance *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley é considerado por muitos autores como uma das primeiras obras de ficção científica, por ter unido os elementos fantásticos com a abordagem científica da época, característica essa descrita por Cardoso (2006) como essencial para a obra se enquadrar neste tipo de gênero. O sucesso do livro se manifestou num século em que as descobertas ampliaram o conhecimento e a valorização dos estudos da ciência, popularizando assim as obras deste novo estilo literário. No caso de Verne, as principais influências vieram da dramaticidade de Victor Hugo e das fantasias de Edgar Allan Poe, este último reconhecido como a maior fonte de inspiração. Verne publicou a sua primeira obra em 1863, *Cinco semanas num Balão*, onde se tornou nítida a sua vontade de associar a estranheza ao rigor científico. Assim, destacou a forma como viria a ser os seus escritos de um “romance científico”³, e mesmo o geográfico, que

² Segundo Mourão, “é o teatro sua primeira vocação: assim como os seus romances, Júlio Verne deve ao teatro a sua glória e fortuna que o imortalizou durante a sua vida e o faria muito conhecido, mais tarde, pela mão dos cineastas após a sua morte”.

³ A partir do raciocínio de Mourão e também de Ciro Flamarion Cardoso no artigo *Ficção científica, percepção e ontologia*, leia-se Romance Científico

comportava também de maneira discreta uma sátira social” (MOURÃO, 2005: 2). Por outro lado, Verne também se inspirava em Balzac, a exemplo da obra *Paris no Século XX*, que foi rejeitada por seu editor, Pierre-Jules Hetzel, em 1863 pelas críticas a Napoleão III. Nesse sentido, um ano depois, Verne escreveu e conseguiu publicar na mesma editora a *Viagem ao Centro da Terra*. Posteriormente, continuaria a escrever diversas obras famosas, como *Da Terra à Lua* (1865), *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1870), *Volta ao Mundo em 80 Dias* (1873) e *A Ilha Misteriosa* (1874). O autor faleceu em 1905, aos 77 anos, vítima de diabetes e paralisia.

A obra a ser analisada neste artigo foi escrita durante o reinado de Napoleão III, do qual Verne era crítico. Na década de 1860, se consolidava a Segunda Revolução Industrial na Europa que, aliada a diversos fatores estruturais, permitiu o enraizamento da cultura burguesa, que valorizava o gosto literário, visto também como um meio pedagógico a ser usufruído no meio privado (BREPOHL, 2010: 101-102). Na configuração geopolítica, ocorriam os movimentos de unificação na Itália e Alemanha, alterando a política internacional e econômica das potências europeias (KENNEDY, 1989). Antes mesmo da unificação, o território alemão já ganhava protagonismo cultural e econômico, nutrindo com as publicações de romances para chamar

como Ficção Científica enquanto gênero literário. Portanto, trataremos estes dois termos como sinônimos.

atenção do crescente público leitor alemão. Verne não escondia a sua simpatia aos alemães (até a guerra de 1870), além de buscar vantagens comerciais. Deu assim origem germânica aos personagens principais deste livro, Professor Lidenbrock e Axel.

A obra *Viagem ao Centro da Terra* é situada em 1863, na cidade de Hamburgo, retratando os eventos narrados por Axel, sobrinho do grande professor Otto Lidenbrock. Ambos descobrem uma pista dada por um islandês do século XVI que supostamente encontrou uma passagem, na Islândia, ao centro da Terra. Juntos, partem para o local e contratam um aventureiro, chamado Hans, para os auxiliar na aventura perigosa.

O Progresso Científico na Obra

O tema científico sempre esteve presente nas obras de Verne, com uma diversidade de informações sobre diferentes áreas do conhecimento, e, no caso desta obra, predominam a geologia e paleontologia. Segundo Mourão (2005: 9), a sua dedicação às pesquisas científicas “se associava uma imaginação literária e poética de grande sensibilidade político social que valorizava a importância da ciência e da tecnologia”. Nesse sentido, muitos dos intelectuais contemporâneos a Verne reconheciam o aspecto pedagógico das suas obras, já que eram atraentes para o público jovem (LEÃO, 2012: 496). Porém, Hetzel era enfático nas exigências das obras vernianas apresentarem o conhecimento de forma literária, para o tornar atrativo ao leitor (LEÃO, 2012: 498).

Primeiramente, Barros (2011) e Lowy (2010) demonstram que a ideia de progresso veio do Iluminismo, que, desenvolvido pelo Positivismo e consolidado pela sociedade burguesa, tornou-se visão de mundo, com a percepção histórica se direcionando para o futuro, ou seja, a ideia de que a sociedade caminha em uma linha evolutiva. Por outro lado, esse pensamento não foi totalmente dominante na sociedade oitocentista, a exemplo da proeminência do Romantismo nos meios literários. Como exposto na Introdução, Verne era um leitor de romances, mas se observa na totalidade de suas produções uma vertente mais ambígua em relação ao Progresso. Vecchio (2014: 6) expõe que Verne é muito mais lembrado pela “representação convencional de exaltação tecnológica do que pela crítica literária que realiza sobre a cultura científica oitocentista”. Dessa maneira, Verne assumiria uma posição mais crítica ao progresso científico do que uma exaltação, mas que se torna difícil de perceber devido ao estilo literário das ficções científicas, que no fundo, ocultam o caráter distópico do autor (VECCHIO, 2014: 5).

Ademais, o conteúdo científico é recorrente em a *Viagem ao Centro Terra*: por conter elementos fantásticos era necessário apresentar uma leitura condizente com o ceticismo da época. Nesse aspecto, Jacques Goimard afirmou que, tal como qualquer obra ficcional, “a

ficção científica comporta um deslocamento da verossimilhança⁴ sendo-lhe específico cumprir uma função mítica, numa era de avanço da laicização do pensamento, exatamente por seus pressupostos racionalizantes e científicos” (CARDOSO, 2006: 22). Além disso, “Verne reteve a lição de Balzac e compreendeu que mesmo de modo imaginário, o universo deve ser coerente” (MOURÃO, 2005: 8). Assim, a obra já traz dois protagonistas estudiosos, carregados de grandes informações de diversas áreas, a exemplo de Lidenbrock que era professor de geologia, mas que apresenta conhecimento aprofundado de diversas áreas. Segundo Mann,

A ficção científica é uma forma de literatura fantástica que tenta retratar, em termos racionais e realistas, tempos futuros e ambientes que diferem dos nossos. No entanto, mostra estar consciente das preocupações dos tempos em que é escrita e provê um comentário implícito sobre a sociedade contemporânea, explorando os efeitos, materiais e psicológicos, que qualquer tecnologia nova pode ter sobre ela. Quaisquer mudanças que tiverem lugar na sociedade enfocada, e também quaisquer acontecimentos futuros que forem extrapolados, deverão basear-se em uma teoria, científica ou não, encarada em forma comedida e considerada. Os autores de ficção científica usam seus ambientes estranhos e imaginativos como um campo de

⁴ Nas palavras de Cardoso, significa “exigir maior investimento da configuração da obra no sentido de conseguir uma suspensão da incredulidade do leitor ou espectador”.

prova para novas idéias, examinando em forma plena as implicações de qualquer noção que propuserem (MANN, 2001: 6 apud CARDOSO, 2006: 18).

Nesse sentido, as explicações científicas são apresentadas nos momentos em que a fantasia se expõe. Segundo Cardoso (2006: 19), o que diferencia a ficção científica do gênero fantástico é “a racionalidade, o realismo, a busca de apoio em alguma teoria que não pareça descabelada, com exploração das implicações do que for postulado”. É o caso de quando Axel questiona a possibilidade de haver um mundo no centro da Terra, já que, segundo a ciência da época, o interior do planeta era constituído por magma, mas Lidenbrock apresenta uma nova hipótese a partir dos dados apresentados pelo químico romântico Humphry Davy (1778-1829).

[Sobre a Terra] Sua superfície era composta de uma grande quantidade de metais, como o potássio e o sódio, que têm a propriedade de incendiar-se apenas ao contato com a terra e a água; esses metais pegaram fogo quando os vapores atmosféricos precipitaram-se como chuva no solo; pouco a pouco, quando as águas penetraram nas fissuras da crosta terrestre, determinaram novos incêndios com explosões e erupções. Daí os inúmeros vulcões dos primeiros dias do mundo. [...] Que Humphry Davy comprovou, aqui mesmo com uma experiência muito simples. Fez uma bola metálica, que representava nosso globo, com os metais que acabei de falar: quando vertíamos um pouco de orvalho em sua superfície, ela se dilatava, oxidava e formava uma

pequena montanha, com uma cratera em cima; ocorria uma erupção que transmitia à bola inteira tanto calor que se tornava impossível segurá-la com as mãos (VERNE, 1864: 25).

Dessa maneira, Verne atende às exigências de Hetzel para uma linguagem científico-pedagógica coerente, explorando simultaneamente o ceticismo do leitor. Nesse caso, os dados científicos mais aceitos são contestados por Lidenbrock, os quais Axel não compreende e insiste na impossibilidade de haver um mundo embaixo da Terra, como a exemplo disso:

- É, no entanto, certo que a superfície do globo foi submetida à combustão, e é possível supor que a crosta exterior resfriou antes, enquanto o calor se refugiou no centro.
- Errado - respondeu meu tio; - a Terra foi aquecida pela combustão de sua superfície e não por qualquer outro meio (VERNE, 1864: 24).

Com o passar do enredo, as teorias científicas vão decaindo, mas ao invés de negativar o progresso, Lidenbrock sugere que estão na verdade fazendo novas descobertas que vão fazer progredir todo o conhecimento. Como o próprio personagem afirma: “a ciência é eminentemente perfectível e cada nova teoria destrói uma velha”

(VERNE, 1864: 23). Mas Axel esbanja seu ceticismo, o que faz Lidenbrock se irritar por certos momentos, a exemplo do episódio de quase morte dos personagens dentro do vulcão, onde Axel reafirma a loucura da viagem.

Ora, dezesseis léguas correspondem a um centésimo do raio terrestre. Sendo assim, levaremos dois mil dias ou quase cinco anos e meio descendo! - O professor não respondeu.

- Sem contar que, se uma vertical de dezesseis léguas termina por uma horizontal de oitenta, isso dá oito mil milhas na direção sudeste, e muito tempo antes de alcançar o centro já teremos saído por um ponto da circunferência!

- Ao diabo com seus cálculos! - replicou meu tio com um gesto de raiva. - Ao diabo com suas hipóteses! Em que se baseiam? Quem lhe garante que esse corredor não dará diretamente em nosso objetivo? Aliás, tenho um precedente a meu favor. Outro já fez o que estou fazendo, outro já foi bem-sucedido e eu também terei êxito.

- Espero que sim, mas, enfim, posso permitir-me...

- Você pode permitir-se calar, Axel, já que está dizendo coisas tão irracionais (VERNE, 1864: 95).

O ceticismo de Axel, apoiado pelas teorias científicas mais aceitas, se tornava irracional para Lidenbrock. Outro exemplo pode ser encontrado quando Axel insiste que o Sneffels possa entrar em erupção, mas Lidenbrock responde cientificamente o contrário e em seguida diz:

“Chega. Quando a ciência fala somos obrigados a calar-nos” (VERNE, 1864: 58). Nisso, Lidenbrock estaria encarnando o progresso científico, pois Verne reforça essa perspectiva quando Lidenbrock ensina a Axel que: “A ciência, meu rapaz, é feita de erros, mas de erros que é bom cometer, pois levam, pouco a pouco, à verdade” (VERNE, 1864: 114-115). Logo, é perceptível a ideia de progresso nessa afirmação, como o positivismo comtiano defendia, dado que a sua premissa era que devia “existir um esforço do cientista social, uma intenção de chegar ao conhecimento objetivo e verdadeiro [...] [pois] não chega ao conhecimento da verdade quem não tem intenção de produzir um conhecimento verdadeiro” (LOWY, 2010: 49).

Por outro lado, a ambiguidade em torno desse progresso se manifesta em alguns momentos. É o caso do personagem Arne Saknussem, alquimista islandês do século XVI que descobriu a passagem ao centro da Terra, cujo caminho percorrido os viajantes tentam seguir. Diante das discussões com seu tio, Axel percebe que sua ideia de verdade absoluta da ciência vigente mais tem atrapalhado na viagem e quebrado conforme o deslocamento para o interior, como a medição de temperatura e de pressão atmosférica, proporcionadas pelos equipamentos que eles continham. Axel lembra então que Saknussem não possuía nada disso e mesmo assim chegou e voltou do centro do planeta (VERNE, 1864: 96-97). Verne estaria então mostrando que Saknussem não precisou do progresso para realizar tal façanha, e que o conhecimento científico, com sua crença absoluta da verdade, seria o

maior empecilho da viagem. Afinal, a trama do livro só ocorre devido ao senso crítico e empirista de Lidenbrock.

Porém, Verne aparenta nesta obra estar sendo crítico apenas à ideia de verdade absoluta, e não à de Progresso. Quando os aventureiros retornam à Alemanha, publicam suas novas descobertas que causam uma grande reviravolta na ciência. Assim Axel diz que:

Tanta honra suscita inveja. Suscitou, e como suas teorias, baseadas em dados seguros, contradiziam os sistemas da ciência sobre a questão do fogo central, sustentou, pela pena e pela palavra, notáveis discussões com os cientistas de todos os países (VERNE, 1864: 168).

À primeira vista, é encontrada uma visão favorável ao Progresso, entretanto, essa cega defesa nunca existiu. Ela parece se encontrar no romance devido à pressão de Hetzel, que como demonstra Mourão (2005), censurou a obra *Paris no século XX*, contemporânea à *Viagem ao Centro da Terra*, por temer o fracasso comercial devido às críticas ao Progresso (BARATA, 2005: 57). Com a morte de Hetzel, Verne rapidamente alterou o seu discurso e apresentou os perigos caso o progresso científico fugisse do controle (MARQUES, 2009: 6). Nesse sentido, Vecchio (2014: 8) deixa claro que Verne realiza uma sátira ao progresso, no que ele afirma que:

Nas Viagens Extraordinárias, por exemplo, temos sempre uma antiutopia, ou seja, uma falsa utopia, relegando à essência das viagens colonizadoras e científicas a impressão maravilhosa que os viajantes têm por estarem realizando um percurso calculadamente perfeito para alcançar e dominar lugares e povos desconhecidos. Nesse processo de apropriação do espaço, o narrador procura incessantemente retrair a percepção do mundo dos personagens, reduzindo sua imagem a um espaço geometricamente conhecido e fechado que o homem poderia em seguida habitar e explorar confortavelmente sem diferenças, através de raciocínios matemáticos meramente indutivos (VECCHIO, 2014: 9).

Vemos, portanto, um posicionamento de Verne contra o progresso científico, mas que não se apresenta nesta obra de forma muito clara, devido às pressões da editora. Dessa maneira, há uma postura romântica, que se seguirmos a tipologia fornecida por Lowy e Sayre (2015: 98-100), Verne, em todo seu histórico de produção, estaria mais próximo dos românticos resignados, por não apontar uma apologia à volta a um passado pré-industrial, pelo contrário, tendo um olhar direcionado para futuro, esclarecendo os males que a tecnologia pode trazer (BARATA, 2005: 2). Mas muitas dessas críticas são posteriores a *Viagem ao Centro da Terra*. Busca-se assim, apontar aspectos gerais do Romantismo na obra, pois formam simultaneamente uma contraposição ao progresso científico.

Uma dessas características, a religião, aparece em determinados momentos, com Axel demonstrando sua crença em situação de quase morte ou desespero. Como nesse exemplo, em que o personagem se perde no caminho, ficando distante dos seus companheiros numa caverna sem fim:

Quando me vi assim desprovido de qualquer possibilidade de auxílio humano, incapaz de tentar algo para me salvar, pensei no auxílio do céu. As lembranças de minha infância, de minha mãe, que só conhecera quando era muito pequeno, voltaram-me à mente. Recorri à oração, embora tivesse pouco direito de ser ouvido por Deus, ao qual me dirigia tão tarde, e implorei com fervor. O recurso à providência acalmou-me um pouco, e consegui concentrar todas as forças da inteligência em minha situação. Tinha víveres para três dias, e meu cantil estava cheio. No entanto, não podia ficar sozinho por mais tempo do que isso (VERNE, 1864: 99).

Por outro lado, a crítica à sociedade industrial, uma característica do Romantismo, é quase ignorada nesta obra. Embora a *Viagem ao Centro da Terra* seja um romance geográfico e científico (MOURÃO, 2005), não há tantos detalhes sobre as sociedades europeias às quais os personagens viajam. Na Islândia, por exemplo, Axel anda na capital da região e vê como era pequena e pouco urbanizada, destacando a excelente educação dada aos islandeses, estes descritos como robustos e sem emoção, devido à geografia do local.

Em três horas já visitara não somente a cidade como também os arredores. Tudo parecia extremamente triste. Não havia árvores ou vegetação. Por toda parte as arestas marcadas das rochas vulcânicas. As cabanas dos islandeses são feitas de barro e turfa, as paredes inclinadas por dentro. Parecem tetos colocados no chão. [...] Durante meu passeio, encontrei poucos habitantes. Ao voltar à rua comercial, vi a maior parte da população ocupada em secar, salgar e carregar bacalhaus, principal artigo de exportação. Os homens pareciam robustos mas pesados, uma espécie de alemães louros, olhar pensativo, que se sente um pouco fora da humanidade, pobres exilados relegados àquela terra de gelo, onde a natureza podia tê-los feito esquimós, já que os condenava a viver no limite do círculo polar! [...] (VERNE, 1864: 39).

Vemos, portanto, uma descrição negativa da região de Reykjavik, não expondo problemas sociais ou críticas à modernidade, mas sim a um determinismo geográfico. Ademais, as descrições de Verne sobre Hamburgo e Copenhague são limitadas e revelam, no caso desta última, aspectos positivos das construções urbanas. Entretanto, na parte final da obra, em que os viajantes escapam do centro da Terra e se encontram na ilha de Stromboli, na Itália, Axel narra a condição da criança que os encontra: “Era uma espécie de pobrezinho, miseravelmente vestido, aspecto doentio, que pareceu muito assustado com nossa aparência” (VERNE, 1864: 165).

Porém, a descrição do local acaba por não induzir a uma noção de

desigualdade social, pois os viajantes receberam vestimentas e grandes quantidades de alimentos dos pescadores, e não de qualquer membro da elite regional, que não é citado em momento algum. Ademais, voltando para o início da obra, quando os personagens partem para o vulcão Sneffels, decidem passar a noite numa humilde cabana camponesa, onde são bem recebidos e percebem que a mãe islandesa possui dezenove filhos, todos muito bem alimentados e sem necessidades (VERNE, 1864: 51-52). Portanto, Verne induz a melhor condição dos islandeses do que os italianos, mas não aborda os problemas sociais, sendo o menino italiano o único exemplo de pobreza de toda a obra. Por outro lado, há um trecho no qual Verne sinaliza um perigo sobre as sociedades industriais. No momento em que os viajantes percorrem um longo túnel em direção ao centro da Terra, Axel percebe a grande quantidade de carvão no local e aproveita para explicar sobre a origem desse mineral. No final ele diz: “Assim formaram-se as imensas camadas de carvão, que o consumo excessivo deve, no entanto, esgotar em menos de três séculos se os povos industriais não tomarem cuidado” (VERNE, 1864: 80).

Outro aspecto romântico também presente na obra é o saudosismo, embora de maneira muito mais discreta do que outros literários faziam, isso porque Nietzsche afirmava que o homem não poderia “ficar preso ao passado glorioso, porque este tipo de História não seria útil para vida, o homem deve encarar esse passado como possível de ser superado” (MARQUES, 2009: 9). Verne também parece seguir este princípio,

“pois seus personagens se sentem desafiados a superar os ícones da História, a descobrir lugares jamais visitados pelo homem, a superar os limites da ciência” (MARQUES, 2009: 9).

Nesse sentido, a trama da obra encarna os períodos das grandes navegações, com destaque a figura de Cristóvão Colombo que descobriu um mundo novo, algo semelhante aos personagens do livro que descobrem o centro da Terra. Como descrito na introdução, Verne nutria grande admiração pelas viagens marítimas (MOURÃO, 2005). Ademais, Leão (2012: 500) afirma que:

As viagens marítimas e a descoberta de novas terras, a exploração de um mundo povoado de nativos, frutas silvestres e animais selvagens, as descrições detalhadas de cronistas e cientistas e toda a vastidão da terra firme aguçou a imaginação europeia por muitos e muitos anos, a ponto de se tornar um dos temas mais em voga nas publicações infantis da França no século XIX.

Partindo desse princípio, Hetzel havia interferido nas obras de Verne e o aconselhado a tornar seus personagens grandes viajantes, já que “para ele, tinha chegado a hora das descobertas e utopias científicas entrarem para o livro de viagem e aventura” (LEÃO, 2012: 503). Essa demanda fazia com que Verne inserisse o papel do viajante e o do grande cientista no mesmo personagem, ao caso de Lidenbrock. O personagem assim assumia a figura de Colombo, o qual é diretamente

citado na obra quando o próprio Lidenbrock não desiste de prosseguir a viagem, após o grupo ter se perdido e não ter encontrado água.

Quando Colombo pediu três dias à sua tripulação para encontrar novas terras, sua tripulação doente, apavorada aquiesceu a seu pedido, e ele descobriu o novo mundo. Eu, o Colombo destas regiões subterrâneas, só lhe peço mais um dia. Se, passado esse prazo ainda não tiver encontrado água, juro-lhe, voltaremos à superfície da Terra (VERNE, 1864: 84).

O retorno de Lidenbrock e seu grupo para a Europa foi à semelhança de Colombo retornando das Américas, anunciando a todos a descoberta de um novo mundo vasto e completamente desconhecido. Mas se percebe um entrelaçamento desse saudosismo com a cultura francesa da época, que valorizava a presença científica nas obras, as direcionando para um olhar para o futuro. Nisso Leão (2012: 508) afirma que:

Além do mais, a apologia da ciência e o caráter antecipatório da ficção de Jules Verne sintonizam-se às forças e impulsos sociais em jogo na dinâmica cultural francesa. Essas forças ou tendências de civilização pressionavam o presente, indicando algumas possibilidades de sentido para o futuro. O processo de racionalização do mundo natural alterava o equilíbrio entre os controles

externos e internos aos indivíduos. Por isso, é muito importante a figura do cientista no universo verniano, como o Professor Lidenbrock, mineralogista e embaixador da Rússia, que decifra o segredo do centro da Terra, difundindo um modelo do conhecimento fundado nas classificações rigorosas, procedimento da ciência positiva de Auguste Comte. Um pacto amoroso de leitura com os heróis cientistas podia levar os jovens franceses a fazerem suas leituras ao avesso. Ao invés de sentirem medo e repulsa, se encantarem com as descrições dos homens, plantas e animais “selvagens” do Novo Mundo, como se estivessem em um museu de história natural vendo tudo com os próprios olhos.

Entretanto, como já exposto na citação acima, Vecchio observou que as críticas de Verne ao progresso eram incorporadas na pele do grande cientista-viajante se aventurando pelo mundo fora da Europa. Como ele demonstra: “Seus viajantes, em geral, se diferem pelas suas particularidades, mas, por outro lado, se assemelham por serem todos, praticamente, homens-criança que reinventam o mundo, povoam-no, fecham-no e neles se encerram maravilhados” (VECCHIO, 2014: 9). Dessa forma, Vecchio expõe que Verne também estaria fazendo, com os temas de viagens, uma alusão ao imperialismo europeu. Nesse sentido, se levarmos em conta a alusão de Lidenbrock a Colombo, seria uma questão de tempo para os europeus tomarem posse do centro da Terra.

Considerações finais

A obra *Viagem ao Centro da Terra* foi destinada ao público infantojuvenil, embora seja também uma leitura recomendada para adultos. Não foi o primeiro livro a introduzir ficção científica no mundo subterrâneo, mesmo assim, popularizou e inspirou futuros trabalhos de exploração e imaginação do interior da Terra. Como exposto, Verne era possivelmente adepto do Romantismo resignado, preocupado com o futuro a que o progresso científico poderia levar. Entretanto, a censura da sua segunda obra, *Paris no século XX*, o obrigou a ignorar ou ocultar as críticas românticas que queria transmitir. É por esse motivo que a obra aqui analisada apresenta poucos elementos discordantes do progresso científico, pelo contrário, criando uma fácil interpretação de apoio a esta. Nesse caso, a semelhança de Lidenbrock com Colombo deixa explícita a necessidade do europeu de descobrir um mundo fora da Europa, para em seguida tomar posse, a similitude do que os países imperialistas faziam ao redor do globo no contexto do autor.

De qualquer forma, a obra verniana apresenta-se como um excelente meio pedagógico para as diversas áreas científicas, permitindo que o público mais jovem usufruísse dos excessos de informações e dados divulgados pelos cientistas da época (FREITAS; FERNANDES, 2012: 94). Por outro lado, “a confiança no futuro como espaço da realização dos projetos cada vez mais audaciosos, [...] é equilibrada pela imagem pessimista de uma conflagração descrita como inevitável” (COSTA, 2002: 322). Nesse sentido, os leitores mais atentos perceberiam nas entrelinhas os perigos a que um Progresso desenfreado

poderia levar. Embora não seja esse o caso desta obra, eles se tornam mais visíveis nas posteriores produções de Verne, que assumiram um caráter mais distópico. Mesmo assim, os romances vernianos alavancaram o estilo de ficção científica nos meios literários, que futuramente seriam muitos explorados pela indústria do cinema, além de influenciarem diversos trabalhos.

Bibliografia

BARATA, Germana. Júlio Verne: Centenário da morte do pai da ficção científica. *Cienc. Cult.* Vol. 57, Nº 2, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a26v57n2.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

BARROS, José Assunção de. Considerações sobre o paradigma positivista em História. *Revista Historiar* - Universidade Estadual Vale do Acaraú – v. 4. n. 4, p. 1-20, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/historiar/index.php/1/article/view/49/35>>. Acesso em: 18 ago. 2019

BREPOHL, Marion. *Imaginação Literária e Política: Os alemães e o Imperialismo, 1880/1945*. Uberlândia: EDUFU. 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado? *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 13, Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2006, pp. 17-37. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702006000500002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 dez. 2019

COSTA, Vidal Antonio de Azevedo. *Ecos do tempo perdido:*

Fragmentos da gênese de uma temporalidade moderna. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002. 384p. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/7432/Ecos%20do%20Tempo%20Perdido.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

FREITAS, Inês Aguiar de Freitas; FERNANDES, Rodrigo. *A Geografia na Obra de Júlio Verne: difusão, tradição e modernidade*. In: Para Onde!?, v. 6, n. 2, p. 89-95, jul./dez. 2012. Instituto de Geociências, Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/36485/23899>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LEÃO, Andréa Borges. Vamos ao Brasil com Jules Verne? Processos editoriais e civilização nas Voyages Extraordinaires. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 27, n. 3, p. 494-517, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v27n3/04.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

LOWY, Michel; Robert Sayre. *Revolta e melancolia*. São Paulo: Boitempo, 2015.

LOWY, Michel. *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortex, 2010.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Cem anos da morte de Júlio Verne*. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <<https://www.lhgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Ronaldo%20R.%20de%20F.%20Mour%C3%A7o%20-%20Cem%20Anos%20da%20Morte%20de%20Julio%20Verne.pdf>>.

Acesso em: 18 ago. 2019.

MARQUES, M. I. A ideia de progresso do século XIX na obra de Júlio Verne. *Revista de divulgação interdisciplinar do núcleo das licenciaturas*, Itajaí, v.5, n. 1.2, 2017. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/redivi/article/view/11633/6691>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

VERNE, Júlio. *Viagem ao Centro da Terra*. EBC, 1864. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/sites/_portalebc2014/files/atoms/files/-viagem_ao_centro_da_terra_-_julio_verne.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2019.

VECCHIO, Daniel. Estudos introdutórios sobre a utopia e a distopia científica nas obras de Júlio Verne. *RECORTE - revista eletrônica*, Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso, v. 11 - Nº 2, UNINCOR. Rio Verde, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1917/1639>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

Recebido em: 18/08/2019

Aceito em: 28/10/2019